

Diálogos afrodiaspóricos na contemporaneidade: reflexões sociais a partir de Paulina Chiziane

Lilian Quelle Santos de Queiroz^{1*}  Antônio Wilson Silva de Souza² 

Ivoneide de França Costa³ 

¹Universidade Estadual de Feira de Santana - Brasil

²Universidade Estadual de Feira de Santana - Brasil

³Universidade Estadual de Feira de Santana - Brasil

*Autora de correspondência: lilian@uefs.br

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE:

Afrodíaspóra.
Decolonialidade.
Literatura africana.
Identidade.

Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre os diálogos afrodiaspóricos presentes na obra da escritora moçambicana Paulina Chiziane, destacando as inter-relações entre identidade, gênero, ancestralidade e resistência cultural. A análise parte de uma perspectiva interdisciplinar que articula estudos literários, sociologia da cultura e pensamento decolonial, buscando compreender de que modo as narrativas de Chiziane ressignificam o lugar da mulher africana e da herança afrodescendente no contexto pós-colonial. Por meio de uma leitura analítica de trechos selecionados de suas obras como *Niketche: uma história de poligamia* e *Balada de Amor ao Vento*, evidencia-se a potência política e simbólica da literatura como instrumento de reconstrução das memórias afrodiaspóricas e de contestação às heranças coloniais.

ABSTRACT

KEYWORDS:

African diaspora.
Decoloniality.
African literature.
Identity.

This article proposes a critical reflection on the Afro-diasporic dialogues present in the work of Mozambican writer Paulina Chiziane, highlighting the interrelations between identity, gender, ancestry, and cultural resistance. The analysis is based on an interdisciplinary perspective that articulates literary studies, sociology of culture, and decolonial thought, seeking to understand how Chiziane's narratives resignify the place of African women and Afro-descendant heritage in the post-colonial context. Through an analytical reading of selected excerpts from her works such as **Niketche: uma história de poligamia** and **Balada de Amor ao Vento**, the political and symbolic power of literature as an instrument for reconstructing Afro-diasporic memories and contesting colonial legacies is evidenced.

RESUMEN

PALABRAS CLAVE:

Diáspora africana.
Destacando las interrelaciones entre identidad, género, ascendencia y Descolonización;
Literatura africana;
Identidad.

Este artículo propone una reflexión crítica sobre los diálogos afrodiaspóricos presentes en la obra de la escritora mozambiqueña Paulina Chiziane, destacando las interrelaciones entre identidad, género, ascendencia y Descolonización; resistencia cultural. El análisis se basa en una perspectiva interdisciplinaria que articula los estudios literarios, la sociología de la cultura y el pensamiento decolonial, buscando comprender cómo las narrativas de Chiziane ressignifican el lugar de las mujeres africanas y la herencia afrodescendiente en el contexto poscolonial. Mediante una lectura analítica de fragmentos seleccionados de sus obras, como *Niketche: uma história de poligamia* y *Balada de Amor ao Vento*, se evidencia el poder político y simbólico de la literatura como instrumento para reconstruir las memorias afrodiaspóricas y cuestionar los legados coloniales.

Introdução

A literatura africana contemporânea, especialmente a produzida por mulheres, tem se consolidado como um espaço privilegiado de enunciação, representatividade e resistência. Entre essas vozes, a de Paulina Chiziane, primeira mulher moçambicana a publicar um romance, se destaca por trazer à tona questões que ultrapassam as fronteiras nacionais e dialogam com as experiências históricas e culturais da diáspora africana. Suas obras revelam não apenas as contradições da sociedade pós-colonial, mas também o entrelaçamento entre corpo, memória e identidade, configurando-se como um campo fértil para pensar as reflexões sociais afrodiáspóricas.

Longe de querer tecer aqui um espaço bibliográfico da autora, mas, ainda assim, reconhecendo o “lugar de Fala” (RIBEIRO, 2017) de Paulina, decorrente da sua história e por ela autorizado, cabe uma sucinta descrição de sua profícua trajetória. Chiziane nasceu em Manjacaze, província de Gaza, Moçambique, em 4 de junho de 1955. Cresceu em uma família cristã metodista e bilíngue, falando desde a infância o português e o changana, uma das línguas bantas mais difundidas na região sul do país. Sua infância foi marcada pelas contradições de uma sociedade em transição entre a tradição africana e as imposições coloniais portuguesas, o que viria a constituir a base temática de sua produção literária. Ainda jovem, mudou-se para Maputo, onde cursou parte do ensino superior na Universidade Eduardo Mondlane e envolveu-se em movimentos culturais e sociais ligados à luta pela independência de Moçambique, conquistada em 1975 (VIEIRA, 2021).

Chiziane é reconhecida como a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, *Balada de Amor ao Vento* (1990), obra inaugural que abriu caminho para uma nova fase da literatura moçambicana contemporânea, marcada pela emergência da voz feminina e pela crítica às estruturas patriarcais e coloniais. Ao longo de sua trajetória, a autora construiu uma escrita que articula tradição oral, crítica social e espiritualidade africana, dando centralidade às experiências das mulheres e à reinterpretação das relações entre gênero, poder e identidade. Sua narrativa é profundamente marcada por uma perspectiva afrofeminista e

decolonial, na qual o ato de narrar é também um ato de resistência e de reconstrução da memória coletiva.

A autora publicou, entre outros títulos, *Ventos do Apocalipse* (1999), *Niketché: uma história de poligamia* (2002), *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), *As Andorinhas* (2009) e *Ngoma Yethu: o curandeiro e o novo testamento* (2015). Sua obra transita entre o romance, o ensaio e o discurso oral, sendo atravessada por mitos, lendas, cantos e símbolos das culturas moçambicanas. Ao abordar temas como guerra, colonialismo, poligamia, mestiçagem, espiritualidade e ancestralidade, Chiziane propõe uma literatura que ultrapassa os limites do texto e se inscreve como projeto ético e político de afirmação da identidade africana.

O reconhecimento de sua contribuição literária ultrapassou as fronteiras nacionais. Em 2003, recebeu o Prêmio José Craveirinha de Literatura, o mais importante de Moçambique, pela obra *Niketché: uma história de poligamia*. Em 2016, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Eduardo Mondlane, em reconhecimento à sua relevância cultural e intelectual. Em 2021, Chiziane se tornou a primeira mulher africana a receber o Prêmio Camões, a mais prestigiosa distinção literária de língua portuguesa, consolidando sua posição como uma das principais vozes da literatura lusófona contemporânea.

Assim, no presente artigo se almeja refletir sobre o modo como os textos de Chiziane se articulam a um projeto literário e político de entendimento e reescrita da história e de reconstrução simbólica dos sujeitos afrodescendentes, com especial atenção à condição da mulher africana e às marcas deixadas pelo colonialismo.

Síntese do caminho literário

A *Balada de Amor ao Vento* (1990) foi publicada em 1990, é a obra inaugural de Paulina Chiziane e o primeiro romance publicado por uma mulher em Moçambique, marco fundamental na literatura moçambicana contemporânea. A narrativa ambienta-se em um espaço rural tradicional e tem como eixo central a história de Sidi, uma mulher dividida entre o amor e as imposições sociais e patriarcais de sua comunidade. Através dessa trama, Chiziane inaugura um discurso literário que denuncia a opressão feminina em sociedades patriarcais e

questiona a coexistência entre as tradições culturais africanas e as heranças coloniais. A linguagem poética e simbólica de Chiziane carrega o ritmo da oralidade africana e a estrutura circular do tempo, refletindo a visão cosmológica de um povo cuja identidade está entrelaçada com a terra e com a memória. O romance anuncia, desde seu início, o projeto literário da autora: dar voz às mulheres silenciadas e transformar a narrativa em espaço de resistência e cura.

Em *Ventos do Apocalipse*, Chiziane mergulha na tragédia da guerra civil moçambicana e em suas implicações sobre o tecido social e moral do país. Publicado em 1999, o romance é uma poderosa alegoria da destruição e da esperança. A autora utiliza a metáfora do “apocalipse” para expressar o colapso das estruturas políticas, familiares e espirituais que sustentavam as comunidades, expondo o trauma coletivo de um povo dilacerado pela violência. A protagonista, Minosse, simboliza o sofrimento e a resiliência das mulheres que, em meio ao caos, assumem o papel de reconstruir a vida e a memória.

O texto de Chiziane não é apenas uma denúncia, mas uma reflexão sobre o poder regenerador da comunidade e da espiritualidade africana. Através de uma narrativa profundamente simbólica, a autora articula elementos do realismo mágico com a tradição oral, construindo uma poética da resistência e da sobrevivência. Em *Ventos do Apocalipse*, a escritora reafirma o papel da literatura como um instrumento de cura coletiva e de elaboração das feridas coloniais e pós-coloniais.

Outro marco na escrita de Chiziane diz respeito à *Niketché: uma história de poligamia* (2002), uma vez que é considerada sua obra mais conhecida e premiada. *Niketché: uma história de poligamia* (2002) constitui uma das narrativas mais complexas e provocativas da literatura africana contemporânea. A partir da história de Rami, uma mulher que descobre as várias esposas de seu marido e decide, em vez de confrontá-las, unir-se a elas em solidariedade, Chiziane constrói um enredo profundamente simbólico sobre o poder feminino, a sororidade e a reinterpretação das tradições africanas.

O romance problematiza as relações de gênero em Moçambique, expondo as contradições entre a poligamia tradicional e os valores cristãos e modernos impostos pela colonização. Longe de uma mera crítica moral, a autora propõe uma releitura decolonial da experiência feminina, onde a emancipação não se dá

pela ruptura com a tradição, mas pela sua ressignificação. Em *Niketché*, o corpo feminino é o campo de disputa entre culturas e valores, e o erotismo é recuperado como força vital e espiritual. O livro é uma celebração da autonomia e da ancestralidade das mulheres africanas, e ao mesmo tempo uma denúncia das desigualdades que persistem em sociedades atravessadas pela herança colonial.

Em *O Alegre Canto da Perdiz*, publicado em 2008, Paulina Chiziane atinge um dos pontos mais altos de sua maturidade literária e filosófica. A narrativa acompanha a trajetória de três gerações de mulheres moçambicanas — Delfina, Maria das Dores e Serafina — cujas vidas são atravessadas pelo racismo, pela colonização portuguesa e pelas ambiguidades do processo de mestiçagem. O romance dialoga com a história de Moçambique desde o período colonial até o pós-independência, expondo as feridas deixadas pela colonização, especialmente no campo da identidade racial e cultural.

A autora examina com profundidade o desejo de embranquecimento e a negação da negritude, revelando como o corpo da mulher negra se torna o lugar de conflito entre dominação e desejo, submissão e resistência. A “perdiz” do título simboliza o canto da liberdade, a possibilidade de reconstrução identitária e espiritual. Assim, o livro constitui uma reflexão densa sobre memória, mestiçagem, espiritualidade e identidade, consolidando Chiziane como uma das vozes mais potentes da literatura decolonial africana contemporânea.

Fundamentos teóricos: diálogos afrodiaspóricos e pensamento decolonial

Os diálogos afrodiaspóricos constituem um campo de reflexão que emerge das interconexões entre as experiências históricas e culturais dos povos africanos e seus descendentes espalhados pelo mundo em decorrência do tráfico transatlântico de escravizados. Trata-se de um conceito que ultrapassa o simples reconhecimento de uma origem comum, indo além de uma mera reparação histórica, implicando uma rede complexa de trocas simbólicas, espirituais, linguísticas e políticas que persistem como formas de resistência e reconstrução identitária. Segundo Paul Gilroy (2001), a diáspora negra deve ser compreendida como uma formação transnacional e transcultural que opera no entre-lugar das

culturas, produzindo novos modos de pensar e existir fora das fronteiras do Estado-nação e das narrativas eurocêntricas da modernidade.

A partir dessa perspectiva, as vozes da diáspora e, particularmente, as vozes femininas africanas articulam-se na literatura como espaços de enunciação e de reapropriação da história. A escrita de mulheres como Paulina Chiziane se insere nesse contexto como um gesto de descolonização epistemológica, pois reposiciona o sujeito africano dentro de sua própria cosmologia, desconstruindo o olhar hegemônico ocidental. Conforme assinala Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (1997), o pensamento colonial não apenas impõe hierarquias raciais e econômicas, mas também estruturou categorias de gênero segundo parâmetros eurocêntricos, desconsiderando a complexidade das relações sociais africanas pré-coloniais. Dessa forma, a produção literária feminina africana atua como instrumento de reconfiguração dos saberes e das identidades, promovendo o reencontro com a ancestralidade e a coletividade.

O pensamento decolonial, desenvolvido por intelectuais latino-americanos e africanos, propõe uma revisão crítica da modernidade enquanto projeto civilizatório universalizante. Autores como Aníbal Quijano (2000) e Walter D. Mignolo (2010) evidenciam que a modernidade está intrinsecamente vinculada à colonialidade — uma estrutura de poder que naturaliza desigualdades raciais, epistêmicas e culturais. Nesse sentido, o projeto decolonial não se limita à denúncia das opressões históricas, mas busca reconstituir horizontes epistemológicos a partir das vozes silenciadas. A literatura africana contemporânea, nesse contexto, emerge como território de enunciação crítica, onde o ato de narrar se converte em estratégia de insurgência e libertação simbólica.

Em Paulina Chiziane, o pensamento decolonial encontra ressonância, tanto na forma quanto no conteúdo de suas obras. Sua narrativa adota uma estrutura que rompe com a linearidade temporal e incorpora elementos da oralidade, da religiosidade e da filosofia bantu, subvertendo o cânone literário ocidental. Essa escolha estética não é apenas uma opção estilística, mas uma estratégia política de resistência cultural, conforme sugere Ngũgĩ wa Thiong'o (1986), ao defender a “descolonização da mente” por meio da valorização das línguas e expressões locais. O uso de provérbios, mitos e ritmos orais na obra de Chiziane reafirma o

pertencimento a uma tradição viva, resgatando a dimensão comunitária e espiritual da narrativa africana.

Além disso, a perspectiva afrodiaspórica em Chiziane promove o que Stuart Hall (2003) denomina de “identidade em trânsito”, uma identidade que não se fixa em essências, mas se constrói na interseção de múltiplas experiências históricas. Essa concepção de identidade relacional permite compreender as obras da autora como espaços de negociação entre o local e o global, o ancestral e o contemporâneo, o feminino e o político. Assim, os diálogos afrodiaspóricos se materializam não apenas nas temáticas abordadas, mas também na tessitura da linguagem, nas formas narrativas e nas estratégias simbólicas de resistência. O texto literário, nesse sentido, torna-se um espelho das lutas por reconhecimento e autonomia cultural que atravessam as sociedades pós-coloniais.

Deste modo, compreender os fundamentos teóricos que sustentam as leituras afrodiaspóricas e decoloniais é essencial para situar a obra de Paulina Chiziane dentro de um movimento mais amplo de reconstrução das epistemologias do Sul. Sua escrita estabelece pontes entre o passado colonial e o presente globalizado, revelando as continuidades das violências, mas também as possibilidades de múltiplas reexistências. O diálogo entre a teoria e a literatura, portanto, não é acessório, mas constitutivo: é pela palavra e pela memória que os povos diaspóricos reafirmam sua humanidade e projetam novas formas de existência, ancoradas na pluralidade, na ancestralidade e na liberdade.

Paulina Chiziane: a voz feminina e a reconstrução da memória

A literatura de Paulina Chiziane ocupa um lugar singular no panorama das letras africanas contemporâneas. Sendo a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, Chiziane rompeu com o silêncio literário imposto às mulheres durante e após o período colonial. Ela apresentou narrativas que abordam com profundidade as tensões entre tradição e modernidade, gênero e poder, individualidade e comunidade. Sua escrita se caracteriza por uma perspectiva feminina e afrocentrada que reconstrói as memórias coletivas a partir da experiência das mulheres negras africanas, que historicamente foram relegadas à

invisibilidade. Nessa medida, a autora se consolida como uma das mais importantes vozes de resistência cultural e política da literatura lusófona.

A voz feminina em Chiziane aflora como um gesto de reconfiguração simbólica da história, emergindo de uma necessidade recorrente de questionamento e crítica. Nas obras como *Niketché: uma história de poligamia* (2002), a autora desafia o olhar patriarcal que moldou a representação da mulher africana tanto no discurso colonial quanto no pós-colonial. A protagonista Rami, ao descobrir as outras esposas do marido, passa a estabelecer com elas uma rede de solidariedade feminina que subverte a lógica de submissão e competição imposta pelo patriarcado.

Essa dinâmica revela o que bell hooks (2000) chama de sororidade política, ou seja, uma aliança entre mulheres que transcende a rivalidade e se constitui força e resistência. A narrativa, portanto, reconfigura o espaço doméstico, espaço historicamente da opressão feminina, em território de emancipação simbólica.

Em *Ventos do Apocalipse* (1999), Chiziane elabora uma profunda reflexão sobre as marcas deixadas pela guerra civil moçambicana e sobre os papéis atribuídos às mulheres nos contextos de violência e reconstrução nacional. A autora mostra como a experiência feminina é atravessada pela dor, mas também pela força ancestral. Nesse romance, a memória se torna ferramenta de sobrevivência e de reconstrução. Como observa Achille Mbembe (2017), a memória pós-colonial é sempre um campo de disputa: lembrar é resistir às narrativas hegemônicas que tentam apagar a complexidade das histórias africanas. Assim, a escrita de Chiziane reivindica o direito de narrar a partir do lugar da mulher africana, da sua voz e da sua subjetividade.

Outro aspecto fundamental em sua obra é o resgate da oralidade como matriz de memória e de identidade. Em *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), a autora entrelaça mito, tradição e história para discutir o trauma da mestiçagem e as heranças coloniais. Através da voz das personagens femininas — Maria das Dores, Delfina e Maria Jacinta, Chiziane reconstrói genealogias interrompidas pela violência colonial e pela imposição de valores ocidentais. Essa oralidade literária não é apenas um recurso estilístico, mas uma forma de reafirmar o pensamento comunitário africano, em que o conhecimento e a memória se transmitem coletivamente. Conforme defende Amadou Hampâté Bâ (1980), “em África,

quando um ancião morre, é como se uma biblioteca queimasse”; a obra de Chiziane opera justamente contra esse esquecimento.

A dimensão espiritual e ancestral, presente em muitos de seus textos, também constitui parte essencial da reconstrução da memória coletiva. Chiziane insere em suas narrativas elementos da cosmovisão bantu, na qual o mundo dos vivos e o dos mortos coexistem e dialogam continuamente. Essa integração entre o sagrado e o cotidiano confere à sua literatura uma densidade simbólica que transcende a linearidade ocidental, em grande parte sustentada pela mentalidade judaico-cristã. Em *Balada de Amor ao Vento*, por exemplo, a memória das mulheres é também memória dos espíritos e dos ritos, configurando-se como uma prática de reconhecimento de valor, consciência de potência e reconciliação. Como observa Grada Kilomba (2019), o ato de contar histórias é, para os povos diaspóricos, um processo de cura que transforma trauma em linguagem e memória em libertação.

Além de uma denúncia das desigualdades de gênero, a obra de Chiziane propõe uma ética da coletividade e da reexistência. Suas personagens femininas, mesmo diante da opressão, não são representadas como vítimas passivas, mas como sujeitos capazes de reinventar suas trajetórias e desafiar as estruturas patriarcais e coloniais. A autora dá voz às mulheres rurais, às curandeiras, às mães e às anciãs, figuras centrais na manutenção das tradições e dos valores comunitários africanos. Com isso, ela constrói uma literatura comprometida com a ancestralidade e com a preservação da memória cultural moçambicana, que se estende à diáspora como um convite à reflexão sobre as diversas formas de resistência negra feminina.

Neste sentido, a escrita de Paulina Chiziane pode ser entendida como um ato político de reinscrição da mulher africana na história, desafiando as narrativas coloniais e patriarcais que tentaram apagá-la. Sua literatura atua como espaço de reapropriação simbólica, onde a memória individual se entrelaça à coletiva e a experiência feminina se transforma em linguagem de reconstrução e autonomia. Ao narrar as dores e as potências de suas personagens, Chiziane oferece ao leitor um espelho de resistência e de continuidade da experiência afrodiaspórica, reafirmando o lugar da palavra como território de luta e afirmação identitária.

Literatura e resistência: a palavra como território político

A literatura de Paulina Chiziane se inscreve no campo da resistência cultural e epistêmica, onde a palavra adquire o estatuto de território político. Sua escrita rompe com o paradigma literário ocidental e reinscreve, no espaço da narrativa, vozes e saberes que foram silenciados pela colonização. Em um contexto pós-colonial, no qual as estruturas de dominação se reproduzem sob novas formas, a literatura assume a função de reexistência, termo que, conforme Catherine Walsh (2009), designa a capacidade de criar e afirmar novas formas de vida a partir da diferença. A palavra, nesse sentido, é uma ferramenta de insurreição simbólica, capaz de desafiar a hegemonia cultural e de restaurar o vínculo entre memória, ancestralidade e identidade.

A obra de Chiziane, ao dar centralidade à voz feminina africana, configura-se como um instrumento de enfrentamento às narrativas coloniais que negaram à mulher negra o direito à fala e à subjetividade. A linguagem torna-se, portanto, o primeiro campo de disputa. Como assinala Ngũgĩ wa Thiong'o (1986), a colonização da mente se processa pela imposição da língua e da cultura do colonizador; descolonizar a linguagem é, assim, recuperar o poder de nomear o mundo a partir das próprias referências culturais. Chiziane executa esse gesto de resistência ao incorporar na sua escrita a musicalidade, a oralidade e o ritmo das línguas locais, desafiando a estrutura normativa do português e evidenciando a pluralidade das vozes moçambicanas. Essa operação literária é, ao mesmo tempo, estética e política: é, de modo especial, pela palavra que se reconfigura o mundo.

A dimensão política da literatura de Chiziane não se restringe ao conteúdo de suas obras, mas se manifesta em sua própria forma narrativa. A autora subverte o tempo linear ocidental, instaurando uma temporalidade circular, própria das cosmologias africanas, onde o passado, o presente e o futuro coexistem. Essa estrutura desafia a lógica progressista da modernidade colonial, abrindo espaço para uma temporalidade da ancestralidade, conceito que encontra ressonância na obra de Ailton Krenak (2022), em *Futuro Ancestral*. Krenak propõe uma visão de futuro enraizada nas memórias ancestrais, em que o conhecimento tradicional e o pensamento comunitário se tornam caminhos para a continuidade da vida. Assim como Krenak, Chiziane escreve a partir de um tempo espiralar, no qual a memória

não é um passado morto, mas força vital que orienta as possibilidades de transformação.

A resistência que se desenha na literatura de Chiziane é também uma resistência ontológica. Suas personagens não apenas enfrentam estruturas de opressão política e social, mas questionam as próprias bases epistemológicas da modernidade. A mulher africana, em seus romances, é um sujeito que rearticula o mundo ao restituir o lugar da espiritualidade, da coletividade e do vínculo com a natureza dimensões que foram desvalorizadas pelo racionalismo ocidental. Essa visão ecoa o pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2019), quando afirma que a decolonialidade exige o reconhecimento das “epistemologias do Sul” como saberes legítimos de produção de mundo. A literatura, então, torna-se uma pedagogia da resistência, pois ensina modos alternativos de existir e de relacionar-se com o cosmos.

Além disso, a obra de Chiziane revela a literatura como espaço de reparação simbólica. O ato de narrar, nas suas histórias, é uma forma de cura coletiva, uma maneira de reelaborar traumas coloniais e patriarcais. Ao recontar as histórias de mulheres silenciadas, a autora reinsere no imaginário social figuras que haviam sido apagadas. Essa operação literária aproxima-se da concepção de Grada Kilomba (2019), para quem a escrita é um processo de cura, um gesto de libertação da dor histórica inscrita no corpo negro. A palavra, portanto, deixa de ser apenas instrumento de representação e passa a ser um meio de reconfiguração da realidade, um território onde se planta a possibilidade de existir plenamente.

Ao compreender a literatura como ato de insurgência, Paulina Chiziane reafirma que escrever é um gesto político. Suas obras não buscam apenas narrar a África, mas reimaginar o mundo a partir dela, o que reverbera na visão teológica por ela concebida e que reconhece, tomando por base textos bíblicos, a África na raiz até mesmo do Cristianismo. A autora oferece ao leitor uma experiência que desloca o olhar eurocentrado e convida a pensar o humano sob outras chaves éticas e ontológicas. Nesse sentido, a literatura torna-se um território político no qual se semeiam possíveis futuros que, como lembra Krenak (2022), só podem existir se forem ancestrais, isto é, se mantiverem viva a memória e a sabedoria dos que

vieram antes. Em Chiziane, a palavra é raiz e asa: conecta a terra da tradição à possibilidade de voo da liberdade.

Considerações finais

Os diálogos afrodiaspóricos, em Paulina Chiziane, revelam uma profunda reflexão sobre o papel da mulher, da memória e da cultura na construção de identidades pós-coloniais. Suas obras configuram-se como espaços de contestação e de cura simbólica, em que o passado traumático da escravidão e do colonialismo é reprocessado sob uma perspectiva de afirmação e reexistência.

As obras literárias de Paulina Chiziane nos impõem de modo salutar um conjunto coeso que reflete o percurso intelectual e estético consistente de alguém que escreve a partir de sua própria realidade, que evoca seus valores culturais e ancestrais. De *Balada de Amor ao Vento* a *O Alegre Canto da Perdiz*, observa-se uma trajetória que parte da denúncia da opressão feminina para alcançar a reconstrução da memória e da identidade africana, mediada pela palavra e pela ancestralidade. Sua literatura transcende o espaço do romance e assume um caráter cosmopolítico, no sentido de afirmar outras epistemologias e formas de existir no mundo.

Chiziane inscreve na literatura moçambicana uma nova cartografia da sensibilidade africana, onde o feminino é força criadora e o ato de narrar é ato de resistência. Ao entrelaçar ficção e política, ancestralidade e modernidade, Chiziane contribui para a ampliação do cânone literário africano e para o fortalecimento de um pensamento crítico afrocentrado e decolonial, capaz de iluminar as complexas redes de pertencimento e resistência que constituem a diáspora africana.

Referências

BÂ, Amadou Hampâté. **A tradição viva**. In: UNESCO. *História Geral da África*, vol. I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 1980, p. 167-206.

CHIZIANE, Paulina. **Balada de Amor ao Vento**. Lisboa: Caminho, 1990.

- CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. Lisboa: Caminho, 1999.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. Lisboa: Caminho, 2002.
- CHIZIANE, Paulina. **O Alegre Canto da Perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.
- CHIZIANE, Paulina. **As Andorinhas**. Nandyala. 2009.
- CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento**. 2. ed. Maputo: Matiko Editora, 2015.
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: 34, 2001.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- hooks, bell. **Feminism is for Everybody: passionate politics**. Cambridge: South End Press, 2000.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.
- MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: retórica da modernidade, lógica da colonialidade e gramática da descolonialidade**. Buenos Aires: CLACSO, 2010.
- NGŪGĨ WA THIONG'Ō. **Decolonising the mind: the politics of language in african literature**. Nairobi: Heinemann, 1986.
- OYĚWŪMÍ, Oyèrónkẹ. **The invention of women: making an african sense of western gender discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.
- QUIJANO, Aníbal. **"Colonialidade do poder e classificação social"**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 46, 2000.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; São Paulo: Sueli Carneiro, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- VIEIRA, Luísa. **"A escrita como cura: o feminino e a ancestralidade em Paulina Chiziane"**. *Revista de Estudos Africanos*, Lisboa, n. 27, 2021.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nuestra época**. Quito: Abya-Yala, 2009.